

CRUZAMENTO DE LÍNGUAS: A VISÃO DE AUTORES REFERENCIAIS

VERNALHA¹, Hercules Brasil.

doi: <https://doi.org/10.17648/1678-0795.momentum-v19n19-328>

RESUMO

Este artigo visa a investigar a literatura sobre o cruzamento de línguas, com o propósito de compreender a maneira pela qual as línguas exercem influência umas sobre as outras. Com esse objetivo, foram selecionadas obras de três autores referenciais no estudo da linguística, Hermann Paul, Edward Sapir e Mikhail Bakhtin. A partir da revisão dessa literatura foi possível constatar que a influência ocorre normalmente por meio da importação de vocábulos e muito mais raramente na forma de alterações fonéticas ou estruturais. Também foi possível identificar fatores que estabelecem a profundidade e extensão dessa influência, relacionados a características intrínsecas dos próprios vocábulos e das línguas envolvidas no processo de cruzamento, bem como a aspectos culturais, políticos, econômicos e tecnológicos relativos aos povos falantes dessas línguas.

Palavras-Chave: Cruzamento de línguas. Linguística. Estrangeirismo.

ABSTRACT

This paper aims to investigate the literature on the crossing of languages in order to understand the way languages influence each other. With this purpose, books from three reference authors in linguistics, Hermann Paul, Edward Sapir, and Mikhail Bakhtin, were chosen. Following on from this literature review, it was possible to determine that the influence between languages occurs usually through importation of words and much more rarely through phonetic or structural changes. It was also possible to identify factors that establish the depth and extension of that influence, related to intrinsic characteristics of the very words and languages involved in the crossing process, as well as to cultural, political, economic, and technological aspects related to the people who speak those languages.

Keywords: Crossing of languages. Linguistics. Foreignism.

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP; Professor da UNIFAAT.

INTRODUÇÃO

As línguas influenciam-se umas às outras. Na origem de seu processo de formação, em sua fase de plena consolidação, por ocasião dos grandes eventos, enfim, ao longo de toda a história da língua, está presente a figura da mudança e ela com frequência tem o nome de cruzamento, mistura, inserção. Mesmo no período que precede seu desaparecimento, ou especialmente nesse momento, identifica-se o traço de uma ou mais línguas, que se apresentam para ocupar seu lugar.

Algumas civilizações logram desenvolver ricas culturas, tornam-se poderosas e veem seu conhecimento se estender a outros povos, que passam a compartilhar de seus saberes, costumes e crenças. Suas ideias seguem na esteira das mercadorias ou dos exércitos, embaladas em seu *latim*, para deixar marcas na cultura e na língua de outras nações.

O conceito de cruzamento, tomado de empréstimo à biologia, aparece com frequência nos estudos linguísticos dos séculos XIX e XX. O historiador e linguista georgiano Nicholas Marr (1865 – 1934) chega a afirmar, em sua polêmica teoria jafética, que todas as línguas do mundo se desenvolveram por meio de cruzamentos recíprocos a partir de um pequeno número de elementos primordiais. Trata-se, por certo, de um tema controverso, que transcende o universo da linguística e alcança questões de raça, predomínio, subjugação. Figuras como Josef Stalin manifestaram-se de maneira entusiástica sobre o tema e sua vinculação com aspectos da história dos povos, seu relacionamento com outras etnias e sua autodeterminação. Na atualidade, destaca-se a preocupação com a influência do inglês sobre as línguas das diversas nações, inclusive o português. Os Estados Unidos da América são na contemporaneidade o país mais poderoso do globo, enquanto as nações de língua inglesa respondem por cerca de 30% de toda a riqueza produzida no mundo. Desde o pós-guerra, a cultura dos países anglófonos, especialmente a dos EUA, tem sido fartamente utilizada como meio eficiente de persuasão, visando a influenciar comportamentos, preferências e opiniões.

A questão da influência entre as línguas ocupa espaço relevante na pesquisa de diversos autores e de suas respectivas escolas. Figuras de grande relevância no âmbito dos estudos linguísticos trataram especificamente do tema do cruzamento entre línguas, dedicando espaço apreciável a sua discussão, por vezes todo um capítulo de algum de seus trabalhos. Ao longo deste artigo serão analisadas obras de Hermann Paul, Edward Sapir e Mikhail Bakhtin, publicadas originalmente em 1880, 1921 e 1929, escolhidas de forma a compor um panorama diversificado de visões e apresentadas na ordem cronológica de sua publicação. São trabalhos centrais dos autores representativos da neogramática, do “estruturalismo funcionalista” norte-americano e do dialogismo, que serviram de referência para várias gerações de linguistas.

Mediante a revisão das obras desses expoentes da linguística, pretende-se investigar neste trabalho o fenômeno geral do cruzamento de línguas, procurando identificar sua ocorrência ao longo da história e compreender suas razões, as formas pelas quais pode acontecer e também a extensão e importância que consegue alcançar. No que diz respeito às razões do fenômeno de influência de uma língua sobre outra, importa analisar fatores ligados à cultura, crença e demografia dos povos envolvidos, bem como a natureza de seu relacionamento comercial, geopolítico e bélico. No que tange às formas pelas quais se dá a influência de um idioma estrangeiro, cumpre verificar se a interferência se restringe ao léxico da língua afetada ou se alcança sua sintaxe ou mesmo sua fonética.

Em termos da extensão das mudanças que podem advir do cruzamento entre línguas, é intenção deste trabalho averiguar, sempre por meio de revisão da literatura estudada, a eventual existência de fatores intrínsecos que predisponham uma língua a aceitar a contribuição de material externo, bem como a existência ou não do risco de profunda descaracterização da estrutura de uma língua importante por força da influência de uma língua estrangeira.

1 HERMANN PAUL E OS NEOGRAMÁTICOS

O interesse do grupo de pesquisadores conhecidos como *neogramáticos* não se concentra nas muitas investigações comparativas de gramáticas de diferentes línguas realizadas ao longo do século XIX, em busca da reconstrução da língua ancestral indo-europeia. Autores como Hermann Paul, Hermann Osthoff e Karl Brugman seguiram em outra direção e decidiram priorizar a observação de fenômenos que caracterizaram as mudanças sofridas pelas línguas ao longo do tempo (CORRÊA, 2011).

Os neogramáticos tinham uma importante razão para conceder especial atenção ao tema do cruzamento de línguas. Mussalim (2009) explica que o prefácio do primeiro número da revista intitulada *Investigações Morfológicas*, fundada por Osthoff e Brugmann, é considerado como o *manifesto neogramático*, no qual os autores postulam que a língua não tem existência independente e deve ser vista sempre como ligada ao indivíduo falante. Por essa razão, esclarece Gonçalves (1997), essa escola concebe a evolução fonética como resultante somente da atuação mecânica de forças físicas e psíquicas. As únicas exceções a essa lei, os *casos desviantes*, teriam por motivação a *analogia* ou o *empréstimo*. Autores como Walkernagel² e Paul estudaram a questão dos empréstimos e concluíram que, de fato, eles são capazes de interferir no desenvolvimento natural dos sons da fala.

² Jacob Wackernagel, linguista suíço de linha histórico-comparatista e grande estudioso do Sânscrito. Nascido em 1853 e falecido em 1938.

O linguista alemão Hermann Otto Theodor Paul, nascido em 1846, foi um dos que mais influenciou o pensamento linguístico ao longo da história (CORRÊA, 2011).

Em sua obra maior, *Princípios Fundamentais da História da Língua*, editada pela primeira vez em 1880, Paul procura refletir sobre a língua a partir de sua evolução histórica, condição que julga necessária à compreensão dos processos linguísticos. No vigésimo segundo e penúltimo capítulo do livro, *Cruzamento de Línguas*, o autor tece interessante análise sobre a forma pela qual as línguas influenciam-se umas às outras. Trata-se de texto cujas propostas apresentam-se amparadas por farta exemplificação. Seu estudo é valioso, entre outras razões, pela clara expressão da visão oitocentista dos fenômenos pelos quais se dá a influência cultural entre povos de diferentes línguas.

Paul (1966) inicia o capítulo apresentando a ideia de que, em sentido bastante amplo, toda conversa implica um cruzamento de línguas, pois cada indivíduo falante está, de alguma forma, influenciando o conjunto de ideias referentes à língua do ouvinte. Para ressaltar a importância do estudo do tema, o autor cita Hugo Schuchardt, eminente linguista de tradição germânica, que, coerente com sua formação orientada para a análise histórica, julgava ser esse o problema mais importante que se impõe à linguística.

Tratando do cruzamento de línguas no sentido restrito da expressão, Paul (idem) classifica as possibilidades de sua ocorrência em três categorias, a saber, a influência de uma língua sobre outra que nada tem a ver com ela ou diferencia-se fortemente dela; a influência de um dialeto sobre outro que pertença à mesma área linguística do primeiro; e a adoção de fenômenos já desaparecidos em algum ponto da história da língua.

Para a ocorrência do cruzamento de línguas fortemente diferentes, o autor ressalta a necessidade de haver indivíduos que falem diversas línguas, ou bilíngues ou ainda que, pelo menos, tenham um mínimo de compreensão de uma língua estrangeira. Segundo ele, as ocasiões para o bilinguismo ou compreensão de uma língua estrangeira são (PAUL, 1966, p.410):

- fronteiras de dois “domínios linguísticos diferentes”;
- viagens de indivíduos a domínios estranhos;
- emigração de grandes massas em virtude de conquista e colonização;
- absorção pela escrita, sem qualquer contato direto com os falantes da língua;
- mistura de nações em elevado grau.

Tratando deste último item, Paul (1966) afirma que a extensão do emprego de uma língua pelos falantes de outra crescerá em função do volume de sua população, de seu poder político e econômico e também pelo que denominou sua *superioridade espiritual*. Já a velocidade do processo será função da resistência da língua *vencida*. Nas palavras do autor (1966, p.410):

Se uma das nações tiver uma supremacia decisiva sobre a outra, quer pelo volume de sua população, quer pelo poder político e econômico ou pela superioridade espiritual, então o emprego de sua língua estender-se-á cada vez mais, à custa da outra; do bilinguismo, regressaremos à unidade linguística. Conforme a resistência da língua vencida, assim este processo se realizará mais depressa ou mais devagar [...].

Com relação ao cruzamento das línguas nos diferentes indivíduos, o autor enfatiza que em termos de estrutura sintática uma delas sempre constituirá a verdadeira base, enquanto a outra desempenhará papel tão mais secundário quanto menor for a destreza do indivíduo no domínio da língua estranha.

Paul (1966, p.411) acrescenta, porém, que a influência do idioma estrangeiro sobre o próprio poderá ser mais forte quando os indivíduos se *entregam* a ele intencionalmente, em virtude de considerarem a “língua e cultura estrangeira superiores” à sua. Aponta, todavia, para a inevitabilidade de que uma língua aprendida como estrangeira seja alterada por “substituição fonética” e “influência da forma linguística interna”, expressões que discutirá com maior profundidade ao longo do capítulo.

São dignos de nota nestas passagens do texto escrito no século XIX, bem como ao longo de todo o capítulo, os termos fortes e de inspiração bélica adotados pelo autor para caracterizar os fenômenos envolvidos no processo de cruzamento linguístico, tais como *entregar-se*, *supremacia de nações*, *língua vencida*.

Paul (1966) julga importante distinguir a influência exercida por um idioma estrangeiro em duas diferentes espécies, a saber:

- adoção de material estrangeiro;
- combinação do material próprio e sua adaptação ao conteúdo ideológico, segundo um molde estrangeiro. O autor aponta que, neste caso, a influência se resume à *forma linguística interna*, ressaltando que essa expressão foi utilizada por von Humboldt³ e seu discípulo Steintal.

Com relação à adoção de material estrangeiro, mais especificamente palavras, Paul (1966) propõe duas possíveis razões. A primeira delas é a *necessidade*. A esta cláusula pertencem os conceitos para os quais falta ainda um vocábulo designativo na própria língua. Ela inclui os nomes de lugares, pessoas e produtos importados do estrangeiro. Neste ponto, o autor apresenta interessante observação, que propõe o alinhamento dos empréstimos vocabulares ao sentido em que se fazem as transações de mercadorias: designações de produtos

³ Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, Barão von Humboldt, diplomata, filósofo e linguista prussiano, nascido em 1767 e falecido em 1835. Sua obra trouxe importantes contribuições à filosofia da linguagem e à teoria e prática pedagógicas.

naturais podem transferir-se dos “povos mais incultos para os mais cultos”, enquanto no caso dos produtos artificiais, as importações de produtos e suas designações seguem o percurso inverso⁴. Em suas palavras:

[...] a importação de produtos artificiais e as suas designações deixam, ao contrário, pressupor uma certa superioridade da cultura estrangeira, a qual no entanto não precisa ser multilateral. Esta superioridade ainda é de presumir mais decididamente quando se dá a adoção de conceitos técnicos, científicos, religiosos, políticos. Uma influência cultural intensa traz a maior parte das vezes consigo uma importação intensa de palavras estrangeiras (p.411).

Além do domínio da necessidade, explica Paul (1966), a adoção de palavras estrangeiras se dá quando a língua e a cultura estrangeira “são tidas em maior consideração do que a própria e, portanto, o emprego de palavras e expressões dessa língua é considerado especialmente elegante ou delicado” (p.412).

O surgimento de palavras derivadas de outras línguas, esclarece o autor, acontece de forma semelhante ao dos neologismos. Seu emprego só deixa uma influência duradoura quando é iniciativa espontânea de diferentes indivíduos. Ele se inicia em pequenos círculos de pessoas e, em alguns casos, estende-se a todas as camadas da população.

Quando o aspecto fonético dessas palavras provenientes de outra língua não apresenta anomalia para os falantes da língua local, e seu uso se generaliza, então, do ponto de vista da “sensibilidade linguística” (PAUL, 1966, p.412), elas passam a ser tratadas como material linguístico próprio, como se não fossem palavras estrangeiras.

O autor ressalta que o comportamento em relação ao material fonético derivado de outra língua merece atenção especial, pois a fonética de uma língua nunca coincide com a de outra. Somente a aprendizagem de “sentimentos mecânicos absolutamente novos” (IDEM, p.412) permitiria a aprendizagem correta da fala de uma língua estrangeira. É raro, por essa razão, que alguém se aproprie tão perfeitamente de uma língua estrangeira: normalmente, o falante empregará os sons de sua língua que mais se assemelham aos que tenta reproduzir, inexistentes em sua própria língua.

Dessa forma, reforça o autor, mesmo quando uma palavra estrangeira é adotada com pronúncia absolutamente correta, ela “não conseguirá manter-se quando se estender àqueles que dominam insuficientemente a língua estrangeira, ou que nem a conhecem” (IDEM, p.413).

⁴ No caso da língua portuguesa do começo do século XX, seria possível constatar a aplicação dessa afirmação, por exemplo, às designações de técnicas e equipamentos introduzidos a partir do desenvolvimento da tecnologia da construção na França e nos Estados Unidos, tais como betoneira e concreto. Nos dias de hoje, certamente ela explicaria a adoção de uma infinidade de designações derivadas do inglês que acompanham os avanços da tecnologia da informação, a começar pelo próprio computador, os *softwares*, *copies* e *deletes*.

Trata-se de uma *substituição fonética*, afirma Paul, adotando uma expressão cunhada pelo filólogo alemão Gustav Gröber.

O autor acrescenta a essa informação o interessante e ainda hoje muito pertinente comentário de que mesmo os que percebem a maneira correta de pronunciar a palavra estrangeira acabam se submetendo à pronúncia com sons da própria língua, adotada pela maioria, sob pena de parecerem muito afetados. Em suas palavras (IDEM, p.413):

Uma vez naturalizada, uma palavra estrangeira compõe-se então quase sempre dos materiais da própria língua. Mesmo aqueles que se apercebem da diferença por causa do conhecimento exato da língua estrangeira, acabam por ter de se sujeitar à maioria; senão pareceriam demasiado meticolosos ou afetados.

Segundo Paul (1966), excepcionalmente um som estrangeiro é adotado e passa a ser natural em uma língua, como ocorreu com o *j* francês introduzido no alemão. Não é raro que vários sons estrangeiros diferentes sejam, porém, substituídos por um mesmo som da língua pátria. Dessa forma, o *f* e o *v* latinos, explica o autor, são representados por *f* no alto alemão.

Ainda no campo da substituição fonética, o autor cita o *alívio* de conjuntos de consoantes pouco usuais por meio da interposição de uma vogal, por exemplo *guaragno* em italiano contra *wrennio* em velho saxão.

Outra forma de assimilação de palavras estrangeiras, aponta Paul (1966), se faz pela transmissão a elas da acentuação nacional. Essa alteração se dá muito tempo após a naturalização da palavra. Na obra, este fenômeno é exemplificado por meio de nomes próprios como *David* e *Adam*, que, em alemão (bem como em inglês), tiveram suas sílabas tônicas alteradas: originalmente eram *Davîd* e *Adâm* (p.415).

As modificações fonéticas, alerta Paul (1966), afastam cada vez mais a palavra estrangeira de sua origem, podendo por fim torná-la irreconhecível na língua da qual proveio. Por vezes, a palavra se altera ou mesmo desaparece por completo na língua de origem, agravando assim seu alheamento à fonte de onde foi captada.

Tratando da questão da sufixação, Paul (p.417) explica que quando ocorre a adoção de várias palavras estrangeiras que contêm o mesmo sufixo, elas se associam em um mesmo grupo e esse grupo pode se tornar, nas palavras do autor, *produtivo*, ou seja, o sufixo pode ser adotado e “associar-se ao material linguístico interno por meio de uma nova formação analógica”. Palavras inglesas como *oddity* e *eatable*, com sufixos de origem francesa, são citadas como exemplo desse processo de associação.

Paul (1966) enfatiza que é mais raro que se adotem dessa forma *desinências de flexão* e exemplifica com a presença do plural em *s* no alemão e no holandês. A adoção da *desinência de genitivo* é abordada pelo autor por meio do interessante exemplo da introdução da forma

inglesa no indo-português⁵: “*hombre’s casa*”. Paul ressalta ainda que a língua cigana foi aquela em que a adoção de desinências de flexão teve a maior expansão.

Tratando agora da *forma linguística interna*, Paul afirma que uma língua é influenciada não só pelos que a falam como língua estrangeira, mas também pelas traduções. A esse respeito, ele aponta um erro muito frequente, que é atribuir-se a uma palavra “toda a extensão da significação” que lhe pertence, quando, porém, ela “só em parte coincide na sua significação com uma palavra da língua materna” (IDEM, p.418). Esse erro pode acabar tornando-se linguagem usual. Como exemplo, aponta que o alemão falado pelos eslavos emprega *damals* (outroa) no sentido de futuro, porque em sua língua a mesma palavra é usada nas duas acepções.

Ao abordar, mais adiante, a influência da sintaxe, o autor explica que “nas línguas românicas e germânicas a sintaxe latina sempre teve, desde o princípio do seu emprego literário, uma influência ora maior, ora menor” (p.419). A grande concordância existente na forma linguística interna entre os povos do Ocidente, explica Paul (1966), baseia-se, ao menos parcialmente, na assimilação pelo intenso cruzamento de línguas.

2 SAPIR E O ESTRUTURALISMO (PRÉ) FUNCIONALISTA NORTE-AMERICANO

A corrente funcionalista da linguística concebe a linguagem como um instrumento de interação social, não admitindo a separação entre sistema e uso. Ela preocupa-se em estudar a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que são usadas. É a linguagem analisada no contexto social, sujeita a pressões provenientes das diferentes situações comunicativas. Sapir e seus discípulos podem ser considerados precursores dessa corrente (KENEDY; MARTELOTTA, 2003).

Edward Sapir (1884 – 1939), com sua dupla atividade de linguista e antropólogo, adquiriu grande conhecimento sobre culturas e línguas, especialmente as ameríndias. Ele é “de longe o mais respeitado de todos os linguistas pesquisadores dos idiomas indígenas norte-americanos” (CAMPBELL, 1997, p.69). Discípulo de Franz Boas⁶, de quem mais tarde discordaria com respeito à questão da origem de traços comuns de diversas línguas indígenas (IDEM, p.72), Sapir revela em seu trabalho a relação entre linguística e antropologia.

⁵ Dialeto falado em regiões da Índia e do Sri Lanka

⁶ Franz Uri Boas, antropólogo alemão nascido em 1858 e falecido em 1942, é considerado um dos pioneiros da antropologia moderna. Em 1887 emigrou para os Estados Unidos e lecionou na Universidade de Columbia. Entre seus muitos alunos, além de Sapir, está Gilberto Freyre.

Com Sapir (1954), a linguagem passa a ser considerada um aspecto central dos processos sociais e culturais, sujeita a mover-se no tempo num curso que lhe é próprio. Ademais, o autor não acredita no falar como uma função orgânica instintiva, senão como uma função adquirida, “cultural”. Ele enxerga os dialetos, por exemplo, como próprios de grupos sociais circunscritos e homogêneos, com sentimento e propósito comum necessário para criar uma norma.

Sapir (1954) analisa detidamente o papel que os vários povos têm desempenhado no desenvolvimento e expansão das ideias culturais, infiltrando seus léxicos em outras línguas. Por outro lado, descarta a relação simples e direta das línguas com as raças e propõe que o sentido biológico de raça é indiferente à história das línguas e das culturas. Sua obra, como se procurará demonstrar ao longo deste estudo, é farta em demonstrações de que um grupo de línguas não tem qualquer correspondência necessária com um grupo racial ou uma área cultural.

O capítulo IX de sua obra seminal *A linguagem: Introdução ao estudo da fala*, escrita em 1921 quando o autor residia no Canadá, trata especificamente da questão do cruzamento de línguas e denomina-se *Como as línguas se influenciam entre si*. Na abertura do texto, Sapir (1954, p.192) explica que as línguas e as civilizações raramente “se bastam a si mesmas” e, por necessidade de intercâmbio de diversas naturezas, indivíduos que falam uma língua entram em contato com os de línguas vizinhas ou culturalmente dominantes. Ele explica o inter-relacionamento da seguinte forma:

O intercâmbio pode ser de relações amistosas ou hostis. Pode processar-se no plano corriqueiro dos negócios e do comércio ou consistir em empréstimo ou troca de bens espirituais – arte, ciência, religião. Seria difícil citar um exemplo de língua ou dialeto de vida completamente isolada, mormente em se tratando de povos primitivos (SAPIR, 1954, p.192).

Sapir (1954) aponta, porém, que a influência entre línguas é “acentuadamente unilateral”, ou seja, que a língua de um povo cuja cultura se expande tem melhores condições para influenciar as línguas faladas na vizinhança do que de ser influenciada por elas. Como exemplos, o autor cita a língua chinesa e sua influência sobre o coreano, o japonês e o anamita, sem receber nada em troca, e o francês, que influenciou diversas línguas europeias nos períodos medieval e moderno. O inglês, a partir da invasão normanda, sofreu forte influência da língua francesa, inclusive pela adoção de grande quantidade de palavras daquele idioma, sem que, porém, houvesse na época influência inglesa no francês.

O empréstimo de vocábulos, explica Sapir (1954, p.193), é a forma mais simples de influência de uma língua sobre outra. Termos como *wine* e *street* estão no inglês em virtude do contato comercial e bélico com os romanos (*vinuum* e *strata*), enquanto vocábulos como *bishop*

e *angel* devem-se à introdução do cristianismo na Inglaterra. O estudo dos vocábulos tomados de empréstimo aponta para a história da cultura dos povos.

Cinco línguas tiveram ação preponderante como veículos de cultura, aponta o autor: o chinês clássico, o sânscrito, o árabe, o grego e o latim. É muito interessante o comentário do autor no sentido de que, até a data em que a obra foi escrita, a influência cultural inglesa era “praticamente desprezível”. Em suas palavras:

Nossa língua tem-se expandido, porque os ingleses têm colonizado territórios imensos; mas nada indica que esteja insinuando-se no âmago de outro idioma qualquer, da maneira com que o francês tingiu a compleição da língua inglesa, ou o árabe se entranhou no persa e no turco. Essa circunstância basta para pôr em evidência a força do nacionalismo, tanto cultural como político, durante o século passado. Há hoje em dia resistências psicológicas ao empréstimo (...) que não eram muito vivazes na Idade Média e na Renascença (SAPIR, 1954, p.194).

Trata-se de afirmação especialmente relevante por evidenciar a questão da resistência nacionalista ao empréstimo de vocábulos estrangeiros. Ela esteve presente no século XIX, ainda se fazia perceber por ocasião da edição da obra e assim permanece, em maior ou menor grau, nos dias de hoje, sobremaneira entre os falantes dos extratos mais eruditos e aqueles que mais cultuam o que consideram virtudes da língua nacional.

Além do nacionalismo cultural e político, Sapir (1954) identifica outras possíveis origens de caráter intrínseco para as resistências à importação de palavras. Comparando a maior facilidade do inglês em relação ao alemão para receber termos estrangeiros, o autor aponta que neste idioma os vocábulos polissilábicos buscam decompor-se em elementos que têm significação e que essa característica dificultou que se mantivessem na língua alemã as diversas palavras emprestadas do francês ou do latim por ocasião de certos “influxos culturais”. Vocábulos tais como *kredibel* (crível) “não oferecem nada que a consciência linguística” alemã possa assimilar, uma vez que o termo *kred-* não tem sentido por si.

O inglês, na visão do autor, comporta-se da maneira oposta e esforça-se para conseguir o “ideal do vocábulo uno, indecomponível, monossilábico ou polissilábico que seja” (IDEM, p. 195). Sendo assim, o termo *credible* (crível), em que *cred-* não tem qualquer significado, representa uma ideia unitária e por essa razão foi bem recebido na língua inglesa. Comparações semelhantes podem ser feitas em línguas de todas as partes do mundo.

Sapir (1954) aponta o exemplo da reação do cambojano e do tibetano à influência sânscrita, ocorrida por ocasião da adoção do budismo em ambos os países. Ainda que a literatura tibetana clássica fosse “uma adaptação servil da literatura budista da Índia”, a língua do país resistiu à importação de vocábulos polissilábicos sânscritos, pois não contribuíam para a divisão em *sílabas significativas* presente na forma do idioma tibetano. Já no cambojano, que

tem muitos vocábulos polissilábicos cuja análise etimológica não tem grande interesse, o empréstimo de material lexical proveniente do sânscrito foi intenso.

O estudo do comportamento da língua com relação ao empréstimo de termos estrangeiros, seja rejeitando-os ou aceitando-os de alguma maneira, pode assim revelar as próprias “tendências formais inatas” dessa língua (IDEM, p. 196).

Paul (1966) e Sapir (1954) concordam em afirmar que a importação de vocábulos estrangeiros é sempre acompanhada de uma modificação fonética, visto que há sons ou peculiaridades de acentuação que não se adaptam à fonética regular da língua nativa. Os “hábitos fonéticos” existentes tendem a se impor de forma a causar a modificação no termo importado.

Se, porém, ocorre de introduzir-se um som novo na língua, por ocasião da importação de uma palavra estrangeira, é provável que ele desapareça ao fim de algum tempo. Sapir (1954) explica da seguinte maneira a alteração ocorrida na língua inglesa que levou a vogal *ü*, importada do francês, a se transformar no ditongo *iu*:

Na época de Chaucer⁷, o anglo-saxão *ü* (escrito *y*) tinha, havido muito, sofrido deslabialização para *i*; mas uma nova vogal *ü* viera do francês (em vocábulos como *due*, *value*, *nature*). Esse novo *ü* não se manteve, porém; ditongou-se em *iu* e amalgamou-se com um nativo *iw* de vocábulos como *new* e *slew* (p. 197).

A despeito disso, Sapir (1954, p. 197) não nega que, mesmo resistindo à intromissão profunda em seu padrão fonético, as línguas se influenciam foneticamente umas às outras, independentemente dos empréstimos vocabulares. “Paralelismos fonéticos” surpreendentes são identificados em línguas que são faladas em uma área geográfica limitada, ainda que elas não tenham parentesco, ou que ele seja bastante remoto.

Como exemplos, o autor cita certos dialetos montanhese alemães que apresentam vogais nasais, à semelhança do francês e ao contrário do conjunto das línguas germânicas. Outras ocorrências podem ser identificadas na língua holandesa, também em relação ao francês, e na língua russa e outras línguas eslavas em relação às línguas uro-altaicas da região do Volga (ugro-fínico e turco). Esses exemplos, explica Sapir (1954, pp. 198,199), não remetem a origens arcaicas ou relações genéticas que não possam ser explicadas por meio de análise feita nos dias atuais.

Não se pode fugir “à inferência de que há uma tendência nos sons vocais, ou em certos tipos distintos de articulação, a se propagarem por uma área contínua, mais ou menos como elementos de cultura irradiam de um centro geográfico” (IDEM, p. 199). No entendimento de

⁷ Geoffrey Chaucer (1343 – 1400), escritor e diplomata inglês, autor de *Os Contos da Cantuária*.

Sapir, uma língua preocupa-se em preservar seu padrão de sons, porém se os sons estrangeiros que se apresentam estiverem no “rumo da deriva interna” da língua, não há razão para que deixem de ser assimilados.

O autor procura ressaltar como “altamente significativo”, porém, o fato de que nos eventos de *interinfluências* de sons é forte a tendência de cada uma das línguas manter inalterado seu padrão fonético. Neste ponto, Sapir reforça seu alerta no sentido de que “não se deve exagerar a importância das influências interlinguísticas”, quer em fonética, como no léxico (IDEM, p. 200).

O autor cita também os elementos morfológicos que o inglês tomou de empréstimo ao francês, além de diversos afixos derivados do latim ou do grego, como *ize* de *materialize* e *able* de *breakable*, como exemplos de um processo que não resultou em contribuição que alterasse significativamente as características estruturais da língua inglesa. Assim, o par *material* e *materialize* não foge aos parâmetros de um sistema formal que já contemplava casos como *wide* e *widen* (IDEM, p. 201).

Segundo Sapir, a influência morfológica exercida no inglês por línguas estrangeiras pouco difere, em essência, do mero empréstimo vocabular. Uma alteração significativa como o desenvolvimento de um novo *tempo futuro* nos moldes do francês (sem o tempo composto) configuraria uma influência morfológica real, estrutural, mas nada semelhante a isso ocorreu a partir da influência da língua francesa. Sapir (1954) explica da seguinte forma sua posição em relação à sobrevalorização da influência do francês na língua inglesa:

Já se tem apresentado a história do idioma inglês como se ele tivesse retornado ao caos com a chegada dos normandos, que teriam passado a jogar peteca com a tradição linguística anglo-saxônica. Os eruditos de hoje adotam uma posição mais conservadora. A possibilidade de um desenvolvimento analítico de longo alcance, sem influência estrangeira de fora, a que foi submetido o inglês, ressalta a história do dinamarquês, que levou até a consequências maiores certas tendências niveladoras (p. 202).

Sapir considera mesmo notável que a língua inglesa, exposta que estava a influências remodeladoras no fim da Idade Média, tenha se mantido estruturalmente fiel a sua própria “marcha histórica”. A esta altura, generalizando este raciocínio, o autor constata que, de fato, as influências morfológicas interlinguísticas com que se depara por meio da história linguística documentada são de ordem superficial. Sendo assim, o que explicaria então que importantes caracteres morfológicos frequentemente se encontrem distribuídos em línguas “confinadas numa grande área geográfica e muito diversas [...] entre si” (IDEM, p. 212)?

Certas distribuições morfológicas têm natureza tão específica que não poderiam ser explicadas pela “solução cômoda” da mera convergência (IDEM, p. 203), pela qual os traços

semelhantes teriam se desenvolvido no mesmo sentido, de maneira independente, em cada uma das línguas.

Uma explicação possível, analisa Sapir (1954, p. 203), seria a de que essas línguas que partilham de fortes semelhanças de ordem morfológica sejam membros de uma mesma comunidade remota de “tipo e substância fonética, que o trabalho destrutivo de derivas divergentes” tornou, ao longo do tempo, pouco identificáveis. Como exemplo dessa possibilidade, o autor analisa as semelhanças léxicas e morfológicas entre o inglês moderno e o irlandês, que permitem sustentar que tenham um parentesco linguístico.

Seguindo este raciocínio, Sapir (1954, p.203) pretende concluir que semelhanças em características fundamentais na estrutura das línguas são mais bem explicadas pela possibilidade de um parentesco comum do que pela teoria do “empréstimo”, que julga inadequada para explicar esse tipo de fenômeno.

Isso não significa que o autor negue a ocorrência da influência entre línguas e sua importância. Em suas palavras:

Sabemos que os mitos, as ideias religiosas, os tipos de organização social, os processos industriais e outros aspectos culturais podem propagar-se ponto a ponto, acomodando-se gradualmente em culturas a que já tinham sido alheios. Sabemos ainda que os vocábulos não se difundem com menor liberdade do que os elementos culturais, que os sons também podem ‘ser recebidos por empréstimo’ e que se pode adquirir até elementos morfológicos (SAPIR, 1954, p. 204).

A questão, portanto, está concentrada na profundidade das mudanças ocorridas ou, mais além, na incapacidade de essas alterações refletirem-se na estrutura da língua. Em função dessa resistência, o autor afirma que a língua é, de todos os fenômenos sociais, “o de mais maciça resistência”, sendo mais fácil “extirpá-la do que desintegrá-la na unidade da forma”.

Como se pôde verificar, tanto Sapir (1954) quanto Paul (1966) rejeitam a possibilidade de profundas alterações fonéticas e morfológicas por meio do cruzamento entre línguas, ainda que este aponte alguns casos de alteração na desinência de flexão (plural em *s* no alemão) e de genitivo no indo-português (*hombre’s casa*).

Dessa forma, em que pese a imagem quase bélica que sugerem as impressões oitocentistas de Paul ao classificar as línguas que exportam e as que importam vocábulos, e que sem dúvida assombra ainda hoje a mente dos falantes que prezam a integridade destas, é possível identificar um processo de enriquecimento cultural nesse fenômeno, em que a estrutura fundamental da língua não é ameaçada.

Ademais, ainda que algum tipo daquilo que Paul denominou *superioridade cultural* pudesse de fato ser identificado em uma nação cuja língua exerce influência em outras ao longo

de determinado período, seria um fenômeno transitório, do que dá prova as agruras do francês, que outrora povoou de vocábulos as línguas da Europa ocidental, para lidar com a inevitável presença de vocábulos ingleses que acompanham o desenvolvimento tecnológico ao redor do globo.

Por outro lado, a própria afirmação de Sapir (1954) no sentido de que a língua inglesa exercia, até o momento em que a passagem foi escrita, pouca influência sobre outros idiomas é a comprovação de que pouco se pode prever no que tange ao crescimento e à queda do poder de influência de uma língua sobre as demais.

3 BAKHTIN E O DIALOGISMO

A partir da visão de que a evolução histórica da língua se dá na comunicação verbal concreta e da percepção de que a língua não é simplesmente um sistema de regras, constata-se que Bakhtin antecipou a linguística moderna (MACEDO, 2009).

O pensador russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin nasceu em 1895, em Orel, e morreu em 1975, em Moscou. Segundo Leite (2011, p.51), termos como “filósofo”, “linguista”, “filólogo”, “crítico-literário”, “semiólogo” caberiam para classificá-lo, tendo em vista a gama de atividades que exerceu. É de Bakhtin e do conjunto de pensadores de diferentes formações com que se reunia, conhecido por “círculo de Bakhtin”, o conceito de *dialogismo*, pelo qual “todo enunciado/texto existe, necessariamente, em relação, ou para relação de outros enunciados.” (IDEM, p.52). Segundo Sayeg-Siqueira (2014, p.14), “Bakhtin mostra como a palavra tende a ser bivocal (ou mesmo plurivocal), estabelecendo múltiplos contatos no interior do mesmo discurso ou com outros discursos (discurso dialógico)”.

A autoria de alguns dos livros dos membros do círculo de Bakhtin é alvo de polêmica, pois eles são assinados por autores como Volochinov e Medvedev, mas suas características remetem à criação de Bakhtin. Mariana Yaguello, na introdução da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN, 2006), cujo texto será parcialmente estudado neste trabalho, defende sua autoria por Bakhtin, ainda que tenha sido publicada inicialmente em nome de Volochinov. Ela analisa da seguinte forma as razões pelas quais Bakhtin não a teria assinado (p.13):

Por que, então Bakhtin não os publicou com seu próprio nome? Não há dúvidas quanto à paternidade de suas obras. O conteúdo se inscreve perfeitamente na linha de suas publicações assinadas e, além disso, dispomos de testemunhos diretos. De qualquer modo, na época, o segredo foi bem guardado, pois Borís Pasternak, em uma carta endereçada a Medviédiev, manifestou seu entusiasmo e sua admiração pela presumida obra deste último (...). Então, por que esse jogo de testa-de-ferro? Segundo o professor V. V. Ivánov, amigo e aluno de Bakhtin, haveria duas espécies de motivos: em primeiro lugar, Bakhtin teria recusado as modificações impostas pelo editor; de

caráter intransigente, ele teria preferido não publicar do que mudar uma vírgula; Volochínov e Medviédiev ter-se-iam, então, proposto a endossar as modificações. A outra ordem de motivos seria mais pessoal e ligada ao caráter de Bakhtin, ao seu gosto pela máscara e pelo desdobramento e também, parece, à sua profunda modéstia científica.

Trata-se de obra surpreendente, segundo opinião expressa por Roman Jakobson em seu prefácio, pela novidade e originalidade de seu conteúdo. No capítulo de número 5, *Língua, fala e enunciação*, Bakhtin (2006) dedica considerável espaço para a discussão da influência entre as línguas, em especial ao tema que denomina *palavra estrangeira*. O assunto está presente na vida do autor desde que aos nove anos de idade mudou-se para Vilno, capital da Lituânia, onde havia pessoas de diferentes origens, tais como poloneses, russos, judeus, além dos lituanos, cada qual falante de sua própria língua (LEITE, 2011).

A questão da palavra estrangeira é introduzida por Bakhtin (2006) a partir de sua característica críptica, que demanda algum tipo de deciframento. O autor traça um paralelo da reflexão linguística voltada à apreensão da palavra estrangeira com o trabalho dos antigos sacerdotes védicos, que se deixavam fascinar por escrituras estrangeiras repletas de mistério.

Generalizando, afirma que as escrituras sagradas de todos os povos na história foram escritas em língua estrangeira e, dessa forma, eram incompreensíveis aos profanos e demandavam a intermediação dos sacerdotes, os quais compara com os linguistas de seu tempo. Em oposição à palavra estrangeira, a palavra nativa é percebida pelo autor como a atmosfera em que se vive e respira (IDEM, 2006).

Bakhtin (2006, p.102) acredita que a ênfase da linguística na palavra estrangeira não é casual: ela reflete o importante papel dessa palavra no processo de formação de todas as civilizações da história. Em suas palavras:

Esse papel foi conferido à palavra estrangeira em todas as esferas da criação ideológica, desde a estrutura sócio-política até o código de boas maneiras. A palavra estrangeira foi, efetivamente, o veículo da civilização, da cultura, da religião, da organização política (os sumérios em relação aos semitas babilônicos; os jaféticos em relação aos helenos; Roma, o cristianismo, em relação aos eslavos do leste, etc.).

O autor afirma que a palavra estrangeira carrega consigo forças e estruturas estrangeiras que um jovem povo conquistador pode encontrar e absorver ao invadir o território de uma cultura antiga e poderosa. Dessa forma, na “consciência histórica dos povos”, a palavra estrangeira teria se fundido com as noções de poder, força e verdade (IDEM, p.103).

Neste ponto, Bakhtin (2006, p.103) expõe sua concordância plena com a tese de Nicolau Marr, pela qual o cruzamento de línguas foi fator essencial no processo evolutivo das línguas.

Ele cita a afirmação do linguista georgiano de que “a língua é uma criação da sociedade, oriunda da intercomunicação entre os povos provocada por imperativos econômicos”.

Utilizando-se das palavras de Marr, Bakhtin (2006, p.104) reafirma sua crença na importância da influência que as línguas exercem umas sobre as outras. As línguas nacionais, explica ele (p.104), representam tipos cruzados de línguas, e a associação dos elementos simples que constituem esses cruzamentos está na base de todas elas.

O autor, por fim, esclarece que a questão da origem da linguagem foge ao escopo central de sua pesquisa e que seu interesse se limitará ao esboço das categorias que provêm da palavra estrangeira e que serviram de base ao “objetivismo abstrato”, adotado pelos estudiosos da linguística em detrimento do fato concreto, da dinâmica da fala e da “polissemia e plurivalência vivas” da palavra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre aqueles que rejeitam com veemência o emprego de estrangeirismos, há os que se ressentem de algo como uma invasão externa. Não há como negligenciar que por séculos muitas vezes a chegada da língua estrangeira acompanhou exércitos ou, numa justaposição tendenciosa de termos utilizados por Hermann Paul, *culturas superiores*, retrato da *supremacia das nações* que fizeram as *línguas vencidas entregarem-se*. Ainda que possam emanar de nacionalismo e imperialismo oitocentista, são termos que expressam milenares processos de interação entre os povos, dos quais algumas marcas e inclusive temores hão de restar. Linguistas contemporâneos reconhecem o risco inclusive de extinção que a convivência com o idioma de uma sociedade mais rica e tecnologicamente avançada pode causar a *pequenas línguas*. Ainda de acordo com os linguistas, seria uma preocupação fora de propósito, porém, acreditar que uma língua importante e influente corresse semelhante risco.

Com respeito à adoção de material proveniente de línguas estrangeiras, os autores estudados enxergam o fenômeno como natural resultado da interação entre os diversos povos. A própria dinâmica cultural e tecnológica resulta em que as línguas não se bastem a si próprias, principalmente tendo-se em vista a força da influência estrangeira. Os empréstimos lexicais resultantes desse processo são a forma mais simples de cruzamento entre línguas e acontecem de forma unilateral, ou seja, a língua de um povo cuja cultura se expande tem melhores condições para influenciar as outras línguas. Alterações na própria estrutura das línguas que tenham por origem os processos de cruzamento, como se constatou nas obras estudadas, mostram-se, porém, menos frequentes e costumam ser de ordem superficial.

No que tange à fonética, os estudos linguísticos atestam que, de fato, a influência de uma língua estrangeira é capaz de interferir no desenvolvimento natural dos sons da fala, particularmente quando o aspecto fonético das palavras originárias de outra língua não apresenta anomalia para os falantes da língua local. Mas há que se ressaltar que as línguas, de uma forma geral, ressentem-se e protegem-se desse tipo de influência. Como se constatou na literatura estudada, é forte a tendência das línguas no sentido de manter inalterado seu padrão fonético, impondo-o de forma a causar a modificação de uma palavra importada. Se acontece, porém, de introduzir-se um som novo na língua por ocasião da importação de uma palavra estrangeira, é provável que ele desapareça ao fim de algum tempo.

A extensão e a profundidade da influência que uma língua pode sofrer a partir da importação de vocábulos provenientes de uma língua estrangeira, conforme se constatou nas obras estudadas, dependem de diversos fatores, a começar pelo aspecto fonético desses vocábulos, que são mais bem aceitos caso não se apresentem estranhos aos falantes da língua local. Também foi possível constatar que existem elementos culturais e políticos a serem considerados e, além deles, outras características de ordem intrínseca à própria língua, que podem resultar na resistência à importação de palavras. No que diz respeito ao poder de influência da língua que exporta seus vocábulos, há que se considerar fatores como a força política e econômica e o desenvolvimento tecnológico dos povos falantes da língua, além de motivações tais como fascínio e mistério que essa língua possa exercer.

Por fim, resta claro, a partir da literatura estudada, inclusive pelo exemplo paradigmático da língua inglesa, que os processos de cruzamento entre línguas não oferecem risco vital aos idiomas importantes e que podem inclusive enriquecê-los. Outros trabalhos em torno desse tema vêm explorando a dinâmica da influência contemporânea da língua inglesa sobre as demais línguas, inclusive o português. Futuros artigos a respeito desse tópico têm grande potencial de contribuição para o entendimento dos processos de transformação das línguas, fundamentais no universo da linguística.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

BAKHTIN, M. M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.

CAMPBELL, L. **American Indian Languages**: the historical linguistics of native america. New York: Oxford University Press, 1997.

CORRÊA, E. F. S. A ideia de mudança em Hermann Paul e seu legado no gerativismo e na sociolinguística variacionista. **Diadorim** - Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ, v. 8, p.31-42, 2011.

GONÇALVES, C. A. V. Uma história bélica e bela: impasses na doutrina neogramática. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 1., 1997, São Gonçalo. **Anais [...]**. São Gonçalo: UERJ, 1997. p. 224-237.

KENEDY, E.; MARTELOTTA, M. E. T. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Mariângela R.O e MARTETLTTA, Mario E.T. (org.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003, p. 5-20.

LEITE, F. B. Mikhail Mikhailovich Bakhtin: breve biografia e alguns conceitos. **Revista Magistro**, UNIGRANRIO, v. 1, n. 1, p.43-63, 2011.

MACEDO, W. K. L. Por Saussure e Bakhtin: concepções sobre língua / linguagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUAGENS E REPRESENTAÇÕES: LINGUAGENS E LEITURAS, 1.; ENCONTRO NACIONAL DA CÁTEDRA UNESCO DE LEITURA, 3.; ENCONTRO LOCAL DO PROLER, 7., 2009, Ilhéus. **Anais [...]**. Ilhéus, UESC, 2009. p. 1-6. Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf. Acesso em :11 abr. 2015.

MUSSALIM, F. **Linguística I**. Curitiba: IESDE Brasil, 2009.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

SAPIR, E. **A linguagem – introdução ao estudo da fala**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

SAYEG-SIQUEIRA, J. H. Interdiscursividade e Intertextualidade. **Momentum**, Atibaia, v. 1, n. 12, p 11-28. 2014.